

SOCIEDADE, POLÍTICA E CULTURA EM TRANSFORMAÇÃO

META

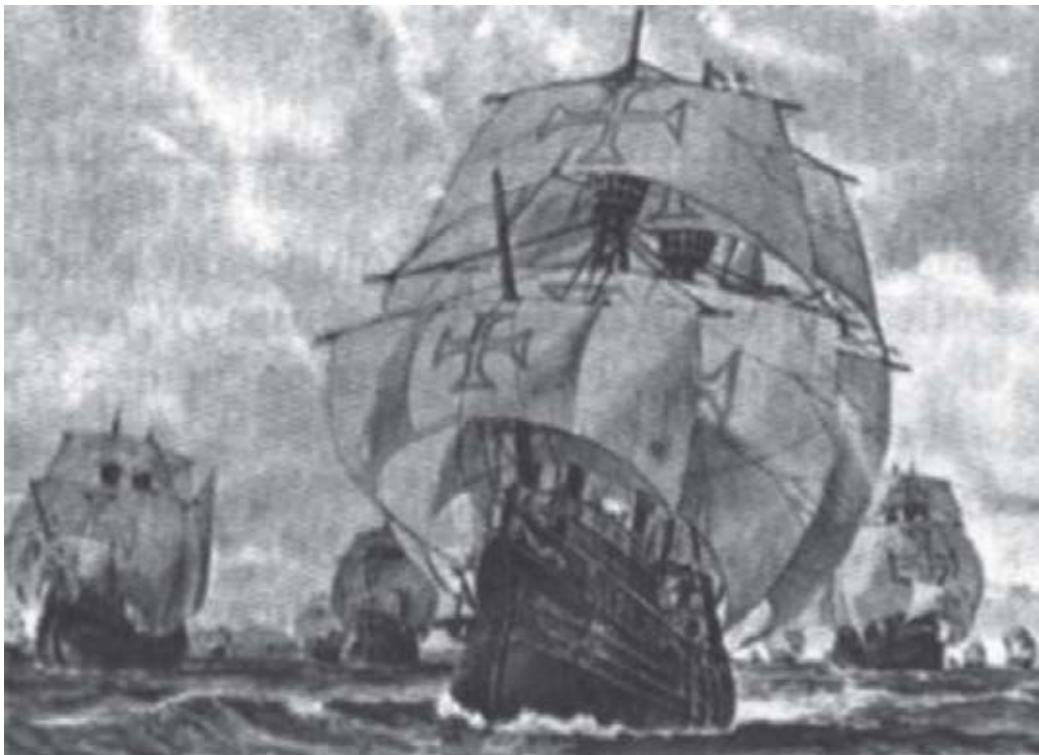
Estudar algumas das mais importantes transformações ocorridas na Baixa Idade Média como manifestações da crise do feudalismo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o deverá:

analisar as transformações por setores separados, mas sem perder de vista que são manifestações de uma crise global;

estimular o aluno a conhecer mais sobre a expansão marítima e comercial da Europa e que levou aos descobrimentos ultramarinos.



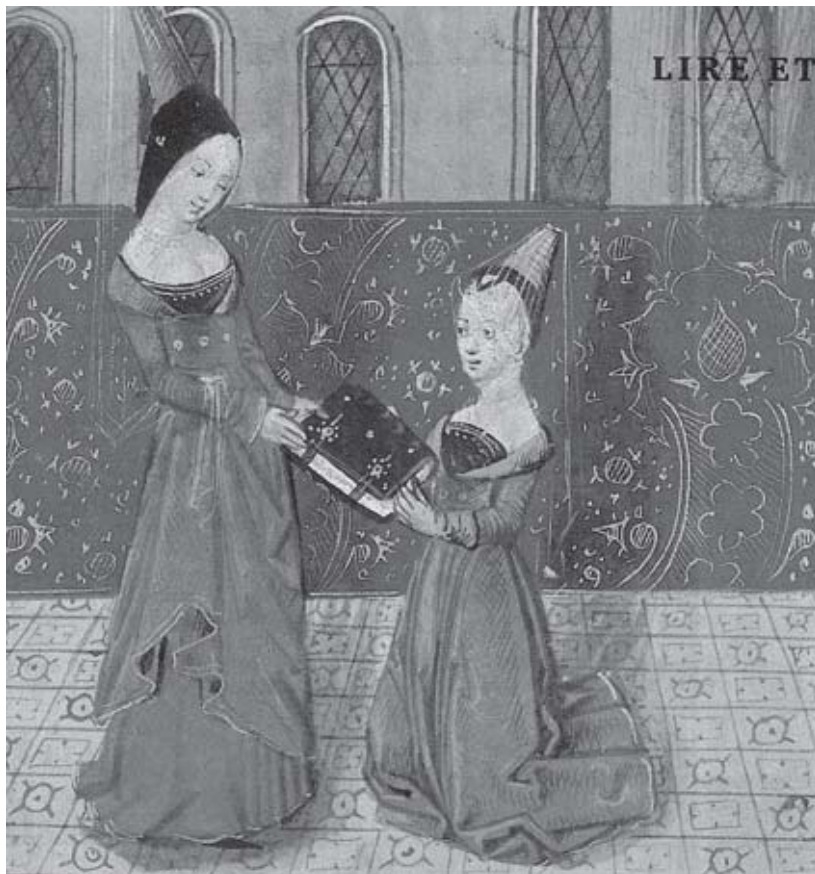
Navegações ultramarinas (Fonte: <http://www.geocities.com>).

INTRODUÇÃO

“Nascido em fins do século IX ou princípios do X – após centenas de anos de gestação – o Feudalismo conheceu seu período de mais intenso crescimento de meados do século XI a meados do século XIII.

Isso foi possível porque o Feudalismo significara uma reorganização da sociedade em novos moldes, mais de acordo com as condições decorrentes do fracasso do Império Carolíngio e com as profundas transformações que ocorriam há séculos. Contudo, tal reorganização (estrutura) provocava um movimento geral de renovação e expansão (dinâmica) que trazia em si os germes que acabariam por abalar seus próprios fundamentos (crise).” (FRANCO JR., 1983, p. 62-63).

Na parte final da aula sobre o Feudalismo indicamos alguns fatos relacionados ao movimento geral de sua renovação e expansão que se estendeu até o século XIII. O tema de estudo de hoje é, portanto, uma continuidade, no sentido de que vamos estudar algumas das transformações que podem ser vistas como manifestações de sua crise.



Página do livro *Tesouro das Damas*, redigido no século XV por uma das raras escritoras da Idade Média, Cristine de Pisan (Fonte: Revista L' Histoire, nº 334. Setembro de 2008. p. 57).

TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE FEUDAL

A sociedade do ocidente europeu no século XIV é uma sociedade marcada por “importantes alterações na composição das camadas sociais e nas relações entre elas. A aristocracia laica e clerical, que tinha sido a grande beneficiada pelo crescimento econômico, desde então tendia a comutar as obrigações camponesas em produtos e serviços por rendas monetárias. Contudo, desta forma, com a desvalorização da moeda a aristocracia perdia seu poder aquisitivo. [...] Paralelamente, os salários subiam e os senhores, para terem recursos, trocavam obrigações servis por dinheiro [...].

Assim, atingida pelas dificuldades econômicas, pela peste e pela resultante mudança psicológica, a aristocracia viu sua taxa de natalidade cair. Muitas famílias nobres desapareceram [...]. Acentuava-se então uma tendência que vinha desde o século XII e que formava um “proletariado clerical”, isto é, quebrava-se aos poucos a identidade clero-nobreza, recrutando-se os eclesiásticos também em outras camadas sociais. Nestas condições, a nobreza precisava renovar seus quadros com elementos de outras origens, através de casamentos com membros da burguesia, da burocracia monárquica e mesmo do campesinato rico.

Portanto, quebrava-se a rigidez social anterior, passando-se de uma sociedade de ordens, na qual cada indivíduo é de determinada camada, condição estabelecida desde o nascimento por ordem divina, para uma sociedade estamental, na qual o indivíduo *está* num certo grupo social, o que pressupõe a possibilidade de mudança. Concretamente, as transformações sociais mais importantes deram-se entre os *laboratores*. A burguesia, nascida da própria dinâmica feudal, mas elemento destruturador daquela sociedade, continuava a ganhar terreno. [...]

Assim, a burguesia revelava-se um elemento dissolvente do Feudalismo em vários aspectos. Por suas atividades comerciais, artesanais e bancárias, rompia aos poucos o domínio absoluto da agricultura. Por seus interesses na centralização política e seu conseqüente apoio à monarquia, contribuía para o recuo da aristocracia. Por seu racionalismo e individualismo, se opunha à religiosidade e coletivismo feudais. Por sua própria origem marginal e camponesa, quebrava a rigidez e a hierarquia sociais. [...]

Em relação aos camponeses, a crise econômica e demográfica apresentou dois resultados diferentes. Por um lado, surgiu um campesinato livre e que se enriquecia, formando uma verdadeira elite camponesa. Desde a época de expansão econômica, muitos servos se beneficiavam da substituição de suas obrigações por pagamento em dinheiro. Assim, eles vendiam seu excedente produtivo nas feiras locais, pagavam seu senhor e economizavam mesmo algumas moedas. Desta forma, era possível com o tempo comprar sua liberdade ao senhor, cada vez mais interessados em

rendas monetárias. [...] Estes camponeses, aproveitando-se do surgimento de áreas despovoadas pela peste, conseguiam ter sua própria terra. [...]

Por outro lado, em certas regiões os senhores procuraram fazer frente às suas dificuldades revigorando os laços de dependência camponesa. Um caminho para isso era renunciar às taxas monetárias pagas pelos trabalhadores e reimpor as antigas obrigações em produtos e serviços. Essa “reação senhorial” não foi muito difundida no Ocidente, tendo sido significativa apenas na Inglaterra e especialmente nos senhorios monásticos.” (FRANCO JR., 1983, p. 82-84).

TRANSFORMAÇÕES NA POLÍTICA FEUDAL

A grande mudança política ocorrida na Baixa Idade Média e que pode ser vista como sintomática da crise que afetava a sociedade feudal “foi representada pela reconstituição dos poderes públicos, ou mais especificamente pela centralização monárquica. Como já vimos, os reis feudais tinham sido inicialmente muito mais suseranos que soberanos, ou seja, seu poder se efetivava fundamentalmente pelos laços vassálicos. Mas era também limitado por eles. Contudo, à medida que os poderes regionais detidos pela aristocracia entrava em crise, o rei podia extrair das próprias relações vassálicas elementos que faziam dele cada vez mais soberano que suserano. Por exemplo, na França o *consilium* devido pelos vassalos esteve na origem de muitos órgãos centrais da monarquia. Foi o caso do Parlamento de Paris, que acabou por funcionar como um tribunal de apelação ao suserano, que devia arbitrar as questões entre senhores e vassalos. Caminhava-se assim para uma unificação jurídica, que minava as jurisdições feudais.

Recorrendo ao apoio da burguesia, favorecendo as comunas urbanas, incentivando a libertação de servos, constituindo tropas mercenárias, revigorando o direito romano, a monarquia desde o século XIII ia reagrupando em suas mãos os fragmentos do poder anteriormente detidos pela aristocracia. Por outro lado, esse processo era acompanhado por uma recuperação do prestígio da função monárquica. [...]

Esse fortalecimento monárquico era ainda favorecido pelo desenvolvimento de um sentimento nacionalista, que fazia a realeza ser vista como símbolo e representante da coletividade. A formação das línguas vernáculas e os contatos estabelecidos pelo comércio com outros povos levavam à conscientização das características próprias de cada grupo humano. Assim, desde o século XII firmavam-se os nacionalismos. Os problemas dos séculos XIV – XV e as soluções muitas vezes conflitantes encontradas pelos diversos países intensificavam o sentimento patriótico. É significativo que a primeira grande guerra nacionalista tenha ocorrido nessa fase da Idade Média: a Guerra dos Cem Anos (1337 – 1453).

JOANA D'ARC

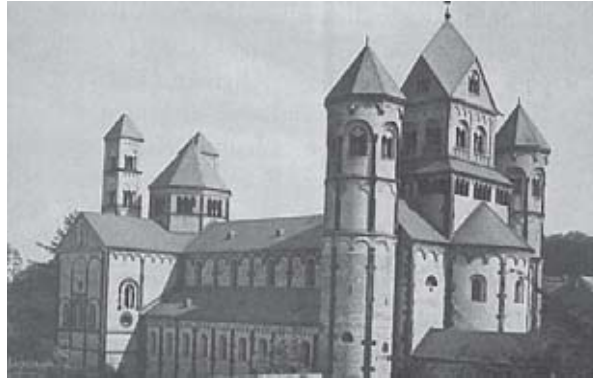
1412-1431



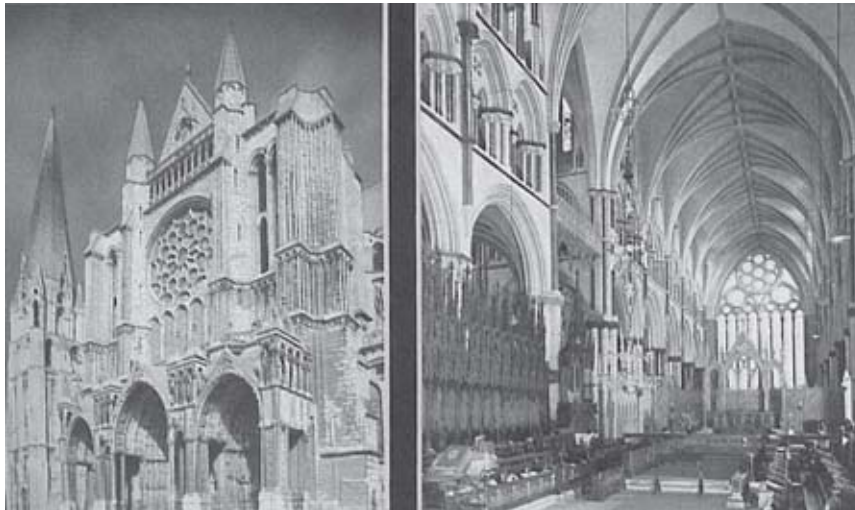
Joana D'Arc, símbolo da luta dos franceses contra ingleses na Guerra dos Cem Anos (Fonte: Grandes Personagens da História Universal. v. II. p. 397).

Tanto no lado francês quanto no inglês, a guerra favoreceu a centralização política. Na verdade, esta era a única forma de se mobilizar tropas por uma área geográfica bem mais ampla que nos combates feudais; de se obter nos vários cantos do país os recursos econômicos necessários para a luta; de se negociar tratados e restabelecer a paz. A centralização decorreu ainda das importantes perdas na nobreza dos dois países. Além disso, a guerra agravou a crise demográfica, contribuindo para a baixa da taxa de natalidade e o despovoamento de regiões arrasadas. Pelas migrações que provocou, a guerra favoreceu a mobilidade social, o empobrecimento de uns e o enriquecimento de outros, a ruptura de laços de dependência pessoal, enfim, a crise social. A devastação de muitos territórios franceses, a perda de colheitas e de rebanhos, os empréstimos feitos pelas monarquias junto a banqueiros italianos forçaram a alta dos preços e a desvalorização monetária, agudizando a crise econômica.” (FRANCO JR., 1983, p. 85-87).

TRANFORMAÇÕES NA CULTURA FEUDAL



Igreja de Santa Maria Laach - Itália, exemplo do estilo românico, típico da alta Idade Média (Fonte: Grandes Personagens da História Universal. v. I. p. 276).



A catedral de Chartres, na França, considerada a obra prima do gótico (Fonte: Grandes Personagens da História Universal. v. I. p. 276).

Durante a Alta Idade Média os livros e as bibliotecas que escaparam ao fim do Império Romano estiveram sob controle da Igreja. Ela tinha praticamente o controle do saber. O domínio da leitura e da escrita era um privilégio dos seus membros.

“As mudanças ocorridas na Baixa Idade Média, entretanto, definiram novas necessidades. Para as pessoas ligadas ao comércio, tornou-se importante saber ler, escrever e fazer cálculos. Tornaram-se cada vez mais necessárias pessoas capazes de escrever contratos, estatutos, regulamentos e leis – importantes instrumentos da centralização do Estado e da organização das atividades econômica. No século XII, surgiram as primeiras escolas leigas, organizadas por burgueses. Essas escolas acabaram por culminar na organização das universidades.

Provavelmente as mais antigas universidades da Europa tenham sido as de Bolonha e Parma, na atual Itália, fundadas no século XI. Nos séculos XII e XIII foram criadas universidades em algumas das principais cidades européias, especialmente no norte da península Itálica [...]. A universidade de maior prestígio era a de Paris. Aí se reuniam os maiores mestres da época, como o frade dominicano Tomás de Aquino, professor de teologia. As aulas eram dadas em latim, para alunos vindos de diferentes lugares.

A teologia foi o campo do conhecimento mais desenvolvido na Europa medieval. Influenciados pela filosofia grega – recuperada no Ocidente pelos árabes da península Ibérica –, os sábios medievais aplicaram à teologia uma forma racional de pensar. Surgiram assim diversas teorias teológico-filosóficas que dominaram todo o conhecimento medieval e receberam o nome de escolástica.

A obra mais conhecida desse período é a *Suma teológica*, de Tomás de Aquino. Ela desenvolve e reúne as idéias filosóficas e teológicas da época, conciliando-as com a filosofia de Aristóteles. A *Suma teológica* foi o manual mais usado em todas as escolas católicas de formação de sacerdotes. [...].

Também o Direito fez grandes progressos na Baixa Idade Média. O Direito Romano foi muito utilizado, por ser mais adequado à filosofia do Estado que se centralizava. [...]

As transformações ocorridas na sociedade durante a Baixa Idade Média provocaram também uma renovação dos valores artísticos. Na literatura, surgiram obras que procuraram uma expressão diferente da dos textos religiosos. Uma das mais importantes é a *Divina comédia*, de Dante Alighiere, escrita em toscano, um dialeto italiano, e não em latim, como era regra no período.

Durante a Idade Média predominaram as construções religiosas. Entre 1060 e 1150 o Ocidente se cobriu de igrejas, reflexo da importância da religião para a sociedade medieval. Desenvolveram-se principalmente dois estilos arquitetônicos: o *românico*, predominante até o século XII, e o *gótico*, que começou a tomar forma nesse mesmo século. A mudança do românico para o gótico representou uma renovação técnica e artística e expressou as transformações que ocorriam na sociedade da Baixa Idade Média. [...]

As igrejas de estilo românico tinham poucas torres. Eram baixas e lembravam os castelos medievais. Com o estilo gótico, as torres se multiplicaram e assumiram formato afilado e pontiagudo, dando aparência de leveza ao conjunto.

O estilo gótico expressa o movimento dinâmico da sociedade européia em transformação e o gosto pelo requinte, despertado nos cristãos do Ocidente pelo contato com as sociedades orientais.” (ARRUDA; PILETTI, 1999, p. 141-142).

O FIM DA IDADE MÉDIA

Se um habitante da Europa em 1200 pudesse viajar no tempo anos adiante, teria encontrado um mundo completamente diferente. Ato o campo ia lhe parecer mais vazio. Alguns povoados tinham se transformado em pequenas cidades, mas muitos outros desapareceram para sempre devido à diminuição gradual de sua população depois da “Peste Negra”.

Dentro dos povoados também ia encontrar muitas mudanças. Alguns camponeses prosperaram e arrendaram mais terras dos novos senhores. Outros haviam desistido completamente de suas terras e trabalhavam agora para quem podia pagar em dinheiro. Alguns camponeses abandonaram o campo para sempre e passaram a morar e trabalhar nas cidades. A divisão dos camponeses entre “livre” e “não livre” tinha cada vez menos importância.

Os soldados não vinham mais das fileiras dos cavaleiros e dos nobres. Mercenários (homens que lutavam mediante um ordenado) tinham tomado o lugar deles. Os mercenários não deviam lealdade aos senhores feudais, mas apenas a quem os pagava. Eram homens rudes e brutais, temidos em toda parte. Os nobres desempenhavam ainda um papel importante no governo, mas partilhavam agora o cargo de conselheiros do rei com comerciantes ricos da cidade e proprietários do campo.

A Igreja estava sendo duramente criticada, em 1500. Estudiosos e alguns padres diziam que os monges e as freiras não se dedicavam mais à oração e à ajuda aos necessitados. Queriam também reformar os ritos da Igreja, e traduzir a Bíblia para a língua do país, para que o povo pudesse entender os ensinamentos sem ajuda dos padres.

Sob certos aspectos, o viajante de 1200 consideraria o século XV como uma época muito triste. Todos estavam deprimidos pelos longos anos das epidemias, preocupados com os próprios pecados e assustados com a perspectiva de ir para o inferno. Receberam de boa vontade a liberdade provocada pela decadência gradual do poder feudal. Mas essa nova liberdade significava também que o mundo que conheciam, regido pelo trabalho fixo e obrigatório, na mansão ou no castelo, e pelos costumes locais, estava abalado.

Entretanto, sob outros aspectos, o fim da Idade Média foi uma época de muitas invenções e descobertas. Artistas na Itália e nos Países Baixos estavam produzindo telas e esculturas magníficas. O “novo” continente da América foi descoberto em 1492. Foi inventada a prensa. A Europa de 1500 devia ser um lugar fascinante para se visitar.” (MACDONALD, Fiona, 1995, p. 56).

CONCLUSÃO

Como conclusão, é importante mencionarmos um problema que afetou bastante a sociedade europeia do final da Idade Média: a epidemia de peste negra que assolou a Europa no século XIV, atingindo ricos e pobres, crianças e adultos, homens e mulheres, de igual maneira.

Segundo Franco Jr., “apesar de sensíveis desigualdades regionais, no conjunto a peste negra de 1348 -1350 eliminou de 25 a 35% da população europeia. Esta perda demográfica foi tão grande, que os níveis anteriores a ela seriam alcançados apenas no século XVII.”

RESUMO

Já nos finais do século XIII, o Ocidente europeu se apresentava sob o efeito de uma série de mudanças, as quais, ao evoluírem no século seguinte, provocaram o enfraquecimento do feudalismo e prepararam a Europa para uma nova ordem econômica e social, com o capitalismo.

Enquanto o desenvolvimento do comércio e a urbanização mudavam a base da economia europeia, conforme vimos na aula anterior, as mudanças também afetavam a composição das camadas sociais e as relações entre elas. Pelo texto apresentado na aula de hoje fica evidente que, além das mudanças sociais, a Europa do século XIV também passou por significativas transformações no plano político e cultural.

ATIVIDADES

1. Escreva num pequeno texto o que você identifica como relação entre as mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais ocorridas na Europa desde o final do século XIII.
2. O filme Joana a Donzela, vai ajudá-lo a entender não só o papel desempenhado por Joana D'Arc na Guerra dos Cem Anos, lutando pelo lado francês, mas também a aprender um pouco mais sobre a política, a mentalidade, a religiosidade da Europa na Baixa Idade Média. Assista a o filme e relacione os fatos ali apresentados e os seus conhecimentos.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, a última do curso, vamos trabalhar com um texto sobre o Significado da Idade Média.



REFERÊNCIAS

- ARRUDA; PILETTI. **Toda a História**. História Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 1999.
- FRANCO JR., Hilário. **A Idade Média**: o nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- . **O Feudalismo** São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Tudo é História).
- MACDONALD, Fiona. **O cotidiano europeu na Idade Média**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Sociedade Feudal**: guerreiros, sacerdotes e trabalhadores. São Paulo: Brasiliense, 1982 .